

LYNN PLOURDE

OS SEGREDOS DA MAXI

(OU O QUE PODES APRENDER COM UM CÃO)

booksmile



CAPÍTULO 1

Vamos lá arrumar com esta parte — não é segredo.

A minha cadela, a *Maxi*, morre.

Tal como morreram o *Old Yeller*, o *Old Dan* e a *Little Ann*. Só que esses cães eram fictícios. Vocês choraram e eu chorei por cães fictícios. Só que a *Maxi* era *real*.

Tão real que ainda cheiro e sinto o seu hálito fedorento a cão, apesar de ela já ter partido há 52 dias. Talvez se deva ao facto de eu não ter aspirado um único pelo branco que ela deixou ficar. E quando o nosso cão é gigante, há pelo que chegue e sobre para revestir um urso-polar bebé. A sua baba seca de cão também se encontra por todo o lado — como uma centena de tatuagens com que marcou o meu quarto, para que não me esquecesse dela.

Eu nunca me esqueceria dela.

Juro que em algumas noites ainda ouço a *Maxi* a empurrar com a cabeça a porta do meu quarto para ver como eu estou depois de ter inspecionado toda

a casa. Cumpridos os seus deveres de vigilância, pode deitar-se no meu colchão. O meu colchão ainda está no chão, porque ela não conseguia trepar para a cama para junto de mim, pelo que o pus ao nível dela.

Mas, quando acordo baralhado e abro a porta para a deixar entrar, dou apenas com o vazio. Vazio que me apresso a espantar, mas sem sucesso. O vazio enfia-se comigo por baixo dos lençóis. O vazio é frio, sem calor canino. O vazio é silencioso, sem ressonar canino. O vazio fede pior do que o bafo de cão. O vazio fede de tal forma que é capaz de nos sufocar.

Mas não há como largá-lo.

Quando recomeço a respirar, percebo que ter *tido* a *Maxi* na minha vida será sempre mais importante do que ter *perdido* a *Maxi*. A cauda dela ainda bate sem parar no meu coração.

E aquela cadela louca ensinou-me tanto. Nem acreditarão em todos os segredos que partilhou comigo. Além de uns quantos que me ajudou a desenterrar, mais fundos do que ossos enterrados, de dentro de mim. E a farejar ainda mais segredos de terceiros.

Só que, dado que *vos* estou a contar, já *não* são segredos. Não tem importância, porque a *Maxi* queria que os soubessem. Se pudesse, ladrá-los-ia ao mundo.

Se ainda cá estivesse.

SEGREDO #1

APRENDE-SE IMENSO COM UM CÃO QUE SE ADORA.



CAPÍTULO 2

Para ser sincero, nunca sonhei em ter um cão. A *Maxi* foi um suborno por parte dos meus pais.

— Sabemos que não gostas da ideia de mudarmos de casa, Timminy, mas Skenago fica no campo. Por isso, adivinha?

A minha mãe olhou para o meu pai, como se aquilo tivesse sido ensaiado, e disseram em coro:

— Podes ter um cão!

Cruzei os braços.

— Não, obrigado. Fico aqui em Portland, no nosso apartamento. Vocês podem ir para Skenago e arranjar um cão para vos fazer companhia. Eu *não* vou.

Pois, mesmo andando no 4.º ano eu já era insolente. Acontece quando se é pequeno: tentamos sempre encontrar formas de soar e parecer maior.

Os meus pais por norma repreendiam-me por ter a língua solta, mas sabia que desta vez não o fariam,

pois queriam mudar-se mais do que desejavam que eu fechasse a matraca.

Resultou. Ganharam. O senhorio não aceitaria o meu porquinho-mealheiro para pagar a renda e lá nos mudámos *todos* para a casa no campo. Detestei a mudança, apesar de a *Maxi* ser o prémio de consolação perfeito. Além disso, as ruas movimentadas de Portland teriam sido perigosas para a *Maxi*.

Não sei se a *Maxi* alguma vez percebeu que era surda — nem por uma única vez em toda a sua curta vida. Não reparámos quando a fomos buscar e, quando demos por ela, já não tinha importância.

Os meus pais não me devolveram ao Hospital de Maine, onde eu nasci, quando perceberam anos mais tarde que saí ao meu tio-bisavô Lex e era baixo — *muito, muito* baixo — no percentil 0,001 de altura de crianças da minha idade. (Reparem que eu disse *crianças* — não sou pequeno apenas entre rapazes da minha idade, mas também entre raparigas.) O pobre tio-bisavô Lex era dono de um talho e tinha de se pôr em cima de uma caixa de madeira para ver por cima do balcão e atender a clientela. Vão gostar de saber que já retirei talhante da minha lista de futuras profissões de sonho.

Não, se os meus pais não me devolveram ao hospital quando descobriram o que havia de errado em mim, eu não iria levar a *Maxi* de volta ao criador de cães só por ela ser surda.

Na verdade, quando conheci a *Maxi* não dei por nada de diferente nela. E acho que ela também não reparou em nada de diferente em mim.

Eu e os meus pais entrámos na cerca de arame circular para ver mais de perto os sete cachorrinhos da ninhada à venda. Uma cadelinha começou a andar à *minha* volta, mantendo os outros ao largo. Peguei-lhe — nariz com focinho...

e...

Shlep-shlep!

— É esta — disse eu aos meus pais.

— Mas, e se for um dos rapazes? — perguntou o meu pai.

— Pai, eu sou o teu rapaz. Está na hora de haver agora uma «rapariga».

— Tens a certeza? É o primeiro anúncio de cachorrinhos a que viemos — segredou a minha mãe para que o criador de cães não ouvisse. — E ainda temos de ir a três outros lugares. Se calhar, era melhor irmos lá primeiro.

A *Maxi* não parava de me lamber.

— Ela é louca por mim, mãe.

— Mas algumas outras raças que vamos ver são... diferentes... não são tão... hum...

— Despeja lá, mãe... GRANDES. As outras raças não são tão grandes como um Cão de Montanha dos Pirenéus. Tens medo de que a tua cachorrinha venha a ser maior do que o teu filho.

— Eu ia a dizer brancas, Timminy. Vai ser complicado manter uma cadela branca limpa.

Fiz um monte de promessas de criança à minha mãe.

— Dou-lhe banho duas vezes por semana. Escovo-lhe os dentes para que não percebas onde acaba o pelo branco e começam os dentes brancos.

E então apelei mesmo ao coração.

— Por favooooooooooooooooooooooooooooor! Levaste-me para uma cidade nova onde estou sozinho e não tenho amigos. Esta cadelinha é tudo o que tenho.

O meu pai olhou para a minha mãe.

— Desiste, Lynda. É um caso perdido.

— Obrigado, pai — disse eu, grato por não ter de recorrer às lágrimas. Se necessário fosse, tê-lo-ia feito.

Depois de terem pagado e de nos prepararmos para colocar a *Maxi* (*Maxi* — que ainda não se chamava *Maxi*, mas não ia tratá-la por *coisa*, certo?) no carro, o pai abriu a mala.

— Eu levo-a no assento de trás comigo — frisei.

— Não, Timminy. Vai atrás, na caixa que trouxemos.

— Isso é uma maldade, pai. Olha, ela está a tremer. Nunca esteve afastada da ninhada dela. Se a agarrar, vai saber que ainda pertence a uma matilha, só que diferente.

A mãe intrometeu-se na conversa:

— Mas, e se ela faz um «servicinho» no carro?

— Não faz nada. Vamos ver se ela tem vontade agora. E, se ainda assim fizer no carro, eu limpo.

Os meus pais estavam céticos, mas não disseram nada enquanto eu levava a *Maxi* pela trela no pátio do criador. Na verdade, *ela* é que me levou pelo pátio enquanto parava a cada dois passos para farejar...

dois passos, fareja,

dois passos, fareja-fareja,

dois passos, fareja-fareja-fareja,

dois passos, fareja-fareja-fareja-fareja-agacha-chichi.

Sucesso! Senti-me mais orgulhoso do que da primeira vez que fiz chichi sozinho na cadeirinha com bacio.

— Vês, mãe?

Instalei-me no assento de trás com a *Maxi*.

— Lynda? — O meu pai olhou para a minha mãe à espera de licença para partir.

— Kenneth? — A mãe devolveu-lhe a pergunta.

— Oh, está bem — respondeu ele com um suspiro. — Já têm o cinto posto aí atrás?

— O de duas pernas tem o cinto posto. Não sei bem como prender a de quatro patas.

O pai lançou-me uma *daqueles* olhares pelo espelho retrovisor. Fechei a matraca antes que ele me pusesse a mim na mala do carro.

Enquanto seguíamos para casa, quanto mais a *Maxi* tremia, mais eu a agarrava. Esperei que ela adormecesse, só que em vez disso desatou a choramingar. Assim, agarrei-a ainda com mais força. Com demasiada força, acho. «Espremi» algo para fora dela.

Paralisei e esperei que ninguém reparasse.

Mas a mãe sentiu o cheiro e olhou para o pai.

— Kenneth, foste tu?

— Eu não fui — respondeu o pai.

— Kenneth? — Ela não acreditou. Sempre que o pai se descuida, nega e diz, «O primeiro que cheirou foi o que largou».

Ao ver que o meu pai não disse a piada do «cheirou», a mãe percebeu que não foi ele quem «largou».

— Timminy! — gritaram ambos.

— Não fui eu.

— A cadelinha. — Os meus pais estavam a ficar bons a falar em unísono.

— Porque é que não há fraldas para cachorrinhos? — questionei. — Afinal de contas, são *bebés*.

SEGREDO #2

ÀS VEZES, O AMOR CHEIRA MAL.



CAPÍTULO 3

Então, como é que a *Maxi* acabou a chamar-se *Maxi*?

Primeiro, convém que saibam que o meu pai sempre foi o membro da família responsável por atribuir os nomes. Não era por uma questão de domínio masculino. «Atenção! Eu Kenneth, nomeio.» Nada disso! É só porque ele adora mesmo dar nomes às coisas. Adora genealogia e é sócio vitalício da *ancestry.com*. Até posso não gostar dos nomes que o meu pai desencanta, mas tenho de lhe dar crédito por ser o atribuidor de nomes mais esforçado que conheço.

Vejam o meu nome, por exemplo: Timminy. O pai quis honrar as nossas famílias ao dar-me um nome, pelo que estudou a árvore genealógica dele e a da minha mãe. Deveria ter-se poupado a algum esforço chamando-me como o tio-bisavô, Lex II — só que ele na altura não sabia que eu viria a ser um pequenote.

Afinal, todos os bebês são baixinhos. Medem-se em centímetros!

Acabou por se decidir por Timminy em honra de dois trisavôs. Do lado da minha mãe, o meu trisavô era Timotheus, cujo nome significava «estimado por Deus». Talvez o pai achasse que essa parte do nome me garantiria um bilhete para o céu. A outra parte veio do lado do meu pai, o meu trisavô Minyamin, que significa «filho braço-direito». Sou canhoto, algo que o pai desconhecia quando eu era bebê.

Assim, no final, metade de TIMotheus, mais metade de MINYamin resultou em TIMMINY. Sou eu.

Quando se tem um nome que mais ninguém conhece, chamam-nos outras coisas... TimOTHy (mesmo quando os professores o leem na lista de alunos, por norma dizem OTH em vez de IN — e é suposto serem eles a ensinar-*me* a ler). Alguns abreviam para Timmi (um pouco afetado demais para o meu gosto com aquele *i* a fechar). E depois havia a alcunha «Mini». Quando era novo, não me incomodava com o tratarem-me por Mini, mas para um miúdo do meu tamanho agora cheira mal (cheira ainda pior do que quando a *Maxi* faz o seu «servicinho»).

Mas, já chega de falar de mim. E o nome da *Maxi*? O pai estava determinado a chamar-lhe *Maxine*, como a minha tia-bisavó Maxine, que chegou a ter 23 cães em simultâneo.

Protestei:

— Pai, não podes chamar *Maxine* a esta cadelinha.

— *Maxine* será — venceu o pai. — Investiguei com atenção. A tia-bisavó *Maxine* iria sentir-se muito honrada... Deus a tenha.

— Pai, esta cadelinha ficaria muito envergonhada... Nem Deus lhe daria um nome tão *antigo*. O que iriam pensar os outros cãesinhos das redondezas?

— Já me decidi, Timminy.

Não discuti mais. Limitei-me a começar a tratá-la por *Maxi*.

Quando o pai disse:

— Mas o nome verdadeiro dela é *Maxine*.

Eu contrapus:

— Pois, mas para já ela não se parece com uma *Maxine*... podemos chamar-lhe isso quando for velhota. *Maxi* é um bom nome para uma cachorrinha.

Naturalmente, na altura eu ainda não podia saber que a *Maxi* nunca chegaria a velha.

Também não tinha como saber que não interessava o que lhe chamássemos — *Maxine*, *Maxi*, *Assento de Trás*, *Fazedora de Cocó* —, dado que nunca nos ouviu proferir o nome dela.

SEGREDO #3

ÀS VEZES, TODA A ENERGIA QUE APLICAMOS EM ALGO QUE ACHAMOS IMPORTANTE, AFINAL NÃO TEM QUALQUER IMPORTÂNCIA.



CAPÍTULO 4

Quanto tempo levámos a perceber que a *Maxi* era surda?

Mais tempo do que possam pensar.

Estávamos ocupados a desempacotar as nossas coisas das mudanças e a conhecer a nossa nova cidade. A loja da esquina de Skenago vendia mais de 50 sabores de *fudge* caseiro e havia um cinema *drive-in* — nenhum de nós alguma vez fora a um *drive-in*, por isso fomos duas vezes numa semana ver o mesmo filme.

Além disso, éramos novatos em termos de cachorrinhos e ocupados com tudo aquilo de alimentar-passear-chichi-cocó. Não é fácil. Ganhei um novo respeito pelo tia-bisavó Maxine, a Rainha dos Caninos. Como é que ela lidava com 23 cães em simultâneo? Eu mal me desenrascava só com uma.

Levar a *Maxi* à rua — nada se passa.

Levar a *Maxi* de novo à rua — nada se passa.

Levar a *Maxi* de novo à rua, outra vez — nada se passa.
 Levar a *Maxi* para dentro — ALGO se passa!

Pobre tia-bisavó Maxine! Deve ter sido qualquer coisa tratar de todos aqueles *algos* de cães!

Além de tentar perceber a agenda da *Maxi*, tentei aprender tudo o que pude sobre a raça dela. Os Cães de Montanha dos Pirenéus eram criados para tomar conta de gado e garantir que nenhum lobo mau se aproximava às escondidas, à noite, para os apanhar. Pobre *Maxi*. Eu, o pai e a mãe éramos o único gado de que ela dispunha. Ela tentava reunir-nos numa única divisão para ser mais fácil vigiar-nos, mas nós não éramos muito cooperantes. Eu estava a jogar no meu quarto, a mãe lia no seu quarto e o pai assistia ao Canal História na sala de estar, enquanto a *Maxi* rondava a casa de divisão em divisão.

Às vezes, gritávamos «Toca a reunir» e corríamos e íamos ter com o pai. Então, a *Maxi* só tinha de dar voltas e voltas ao sofá para nos manter a salvo daqueles grandes lobos maus. Linda menina!

Os Cães de Montanha dos Pirenéus são também superinteligentes. Precisamente aquilo que eu, que me armava em espertalhão, merecia. São criados para pensarem por eles próprios. É por isso que levam tanto tempo a aprender a obedecerem a ordens.

Também não conhecíamos mais ninguém que tivesse um *Pir* (a abreviatura para um Cão de Montanha

dos Pirenéus) para comparar as nossas experiências. Li coisas online, o veterinário contou-nos outras coisas, mas a melhor fonte era a página de *Facebook* «Adoro Cães de Montanha dos Pirenéus»). O pai deu com ela e partilhou comigo as publicações deles.

Todos.

Os.

Dias.

(Não contem ao meu pai, mas ainda bem que o fez. Era tipo o nosso próprio Clube Secreto do Cão.)

— Valha-me o Grilo Falante, Timminy, dá uma *gander* a este.

Pobre pai! Ainda preso na Terra do Pinóquio a falar do Grilo Falante. E quem usa a palavra *gander*? Ele. Se se dessem ao trabalho de lhe perguntar, ele diria, «*Gander*, enquanto verbo, tem origem americana, por volta de 1900, e provém da ideia de um ganso a esticar o seu pescoço comprido para ver melhor algo».

Por isso, dei uma *gander*, ou seja, uma vista de olhos, por cima do ombro do pai.

— Uau! Olha para aquele. — A foto do *Facebook* mostrava um *Pir* gigante sentado ao colo de uma mulher, com a legenda «O Meu Bebê!».

— Parece que todos os *Pirs*, independentemente do tamanho, acham que são cães de colo. — O meu pai riu-se e depois apontou. — Vê os comentários. Toda a gente diz o quanto pesam os seus *Pirs*... 66 quilos... 68 quilos...

Eu interrompi:

— Este pesa só 50 quilos. Mas aquele diz 63, 83, 74. Caramba... 87!

— Não digas à tua mãe. Ela não precisa de saber o tamanho que a *Maxi* pode vir a ter.

Naquele preciso momento entrou a minha mãe.

— Não me digas o quê? — quis ela saber.

— Nada, Lynda — retorquiu o pai. — Segredos de rapazes.

A mãe suspirou, fez uma festa à *Maxi*, que estava deitada os pés do pai, e disse:

— Bem, nesse caso, eu e a *Maxi* não contamos os nossos segredos de miúdas... que uma *Pir* média adulta pesa entre 38 a 52 quilos e ganha até 5 quilos por mês durante o seu primeiro ano. Mas, *chhhhhiiu*, *Maxi*, nem uma palavra aos homens. — A mãe afastou-se.

— Timminy, como é que ela faz aquilo? Como é que a tua mãe me apanha sempre?

— Hum... pai, esqueces que as mães têm olhos na nuca e, além disso, parece-me que deixas a porta aberta e ela entra e apanha-te.

Todos.

Os.

Dias.

— Vamos à rua, *Maxi*. — O pai puxou-a pela coleira. — Vamos dar um passeio. És a única nesta casa que não goza comigo.

SEGREDO #4

ÀS VEZES, AS COISAS ESTÃO *MESMO* À FRENTE DO NOSSO NARIZ E NÃO AS VEMOS. É BOM DARMOS SEMPRE MAIS UMA VISTA DE OLHOS!



CAPÍTULO 5

— Isto faz parte da nossa propriedade? — perguntei ao pai enquanto nos dirigíamos ao bosque, nas traseiras da nossa casa.

— Não, nós temos 12 mil metros quadrados. Isto é uma zona de recreação pública que todos podem usar para caminhadas, percursos na neve ou o que seja. Por aqui, Timminy. Acho que o percurso começa naquele pinheiro gigante ali à frente.

O pai tinha razão. Havia um trilho suficientemente largo para seguirmos lado a lado, ao zigzaguear pelo bosque fora. Era fácil de seguir. Em vez de uma estrada de tijolo amarelo, tinha um tapete de folhas em decomposição do outono passado que remexiam sob os nossos pés.

A sombra era refrescante, o ar condicionado da Natureza num dia quente de verão. Salpicos de luz solar cintilavam por entre as árvores. E a *Maxi* estava

no paraíso dos odores enquanto o seu focinho farejava todas as folhas mortas e poios escondidos de cocó de animais. Caminhámos e caminhámos e passámos imenso tempo sem abrir a boca.

Até que, por fim, larguei um grande suspiro e disse:

— É giro... muito giro aqui. Muito mais sossegado do que percorrer Back Cove, em Portland, com todos os sons da cidade.

— Sim, um belo lugar para uma escapadela — afirmou o pai. — Podemos precisar.

— Como assim?

— As aulas começam daqui a duas semanas. Estás preparado?

— A questão é... *tu* estás preparado, pai?

— Claro, mas um pouco nervoso.

— Bem deves estar! Ser diretor-adjunto vai ser bem mais complicado do que ser professor. E ouvi dizer que toda a gente odeia diretores-adjuntos.

— Bolas, Timminy, que bela forma de deixar o teu velhote a sentir-se melhor ao começar o seu primeiro trabalho de gestão. Isso quer dizer que também vais odiar-me?

— Não. Nós sabemos bem quem é que compra a comida de cão. Certo, *Maxi*?

A *Maxi* não reparou que disse o nome dela. Mas, porque haveria de reparar? Estava ocupada a beber de uma poça.

— Não sei porque puseram aqui o 5.º ano junto com o 3.º ciclo.

— Eu bem te disse que nas cidades pequenas agrupam os anos de maneira diferente — explicou o pai. — Não têm tantos alunos ou escolas como numa cidade grande, por isso vais ter de levar comigo.

— Não é contigo que estou preocupado, pai. Sabes como são *grandes* os do 8.º ano? Maiores do que tu! Caramba, se houver outro miúdo tão pequeno como eu, um desses alunos do 8.º ano pode pegar nos dois, um em cada mão, e enfiar-nos no mesmo cacifo. E caberíamos!

O pai espreitou por cima dos óculos.

— Isso não vai acontecer, Timminy. Estás outra vez a dar asas à tua imaginação.

— Tens razão, pai. Não vai acontecer.

— Ainda bem que ganhaste juízo.

— Também eu. O que me passou pela cabeça? É impossível haver outro miúdo tão baixinho como eu no 2.º ciclo em Skenago... a não ser que vão ao outro lado da cidade e raptem um miúdo do jardim-infantil. Aquele tipo do 8.º ano só vai ter-me a *mim* para enfiar no cacifo e ainda lhe sobra espaço para o equipamento desportivo.

O pai abanou a cabeça.

Prossegui:

— Tenho andado a pensar. Se calhar, o 5.º ano é perfeito para ter aulas em casa.

— E quem vai ensinar-te? Eu vou estar na escola e a tua mãe começa o novo trabalho de terapia da fala na Head Start.

— A *Maxi*! A *Maxi* ensina-me, pai. Certo, miúda? — Tirei a trela das mãos do pai e corri à frente. — Vamos, *Maxi*. O que vais ensinar-me?

— Timminy! Não podes fugir aos problemas.

— Posso tentar — gritei-lhe. Libertei a *Maxi* da trela. — Vamos fugir. És maior do que o *Totó*, mas, *Maxi*, segue o trilho de folhas e leva-me para a Terra dos Munchkins, onde vou ser bem acolhido.

A *Maxi* correu à frente. Até as suas patas de cachorrinha eram mais rápidas do que as minhas pernas curtas.

— Apanha-a — gritou o pai atrás de mim. — Não sabemos onde vão dar esses trilhos.

Corri atrás dela.

Au-au! Ouvei a *Maxi* mais à frente. Teria encontrado já a Terra dos Munchkins?

Corri ainda mais depressa, parei e ri-me. O pai apanhou-me e também desatou a rir.

A *Maxi* encurralara um esquilo numa árvore. Deu voltas e voltas à base da árvore como se fosse um carrossel animal. Não percebemos se ela acharia que o esquilo era novo gado para vigiar ou um lobo-esquilo inimigo do qual nos protegia. De uma maneira ou de outra, senti-me zozzo só de a ver.

Foi quando ouvimos.

Vrrum-vrrum-vrrum.

O que soava como um motor ecoou por entre as árvores, cada vez mais alto. Olhei em volta e nada vi. Então, espreeitei para cima. Não podia ser um helicóptero, pois não?

O pai apontou e gritou:

— ALI!

Saltámos do caminho no preciso momento em que uma moto-quatro surgiu lançada vinda do outro lado da curva.

— Ei! — gritou o condutor. — Ia tendo um acidente por vossa causa.

— Mais devagar! — gritou o meu pai sobre o ruído do motor. — Quase que ias contra nós!

— Idiota! — berrei, rastejando do meio dos arbustos onde caíra.

O condutor desligou o motor, saltou da moto-quatro e enfiou um dedo em frente à minha cara, que ficava pouco acima do umbigo dele.

— Chamaste-me idiota, meia-leca?

O pai pôs-se entre nós os dois.

— Vamos lá a acalmar, todos!

Desviei o meu olhar do Idiota para o meu pai. O que queria ele dizer com *todos*? Ali, havia só um idiota. Porque é que o pai escolheu aquele preciso momento para começar a treinar as suas capacidades de diretor-adjunto? Eu precisava que ele fosse pai e defendesse o seu filho e a sua pobre e indefesa cachorrinha.

— *Maxi!* — arquejei, ao recordar que ela continuava sem trela. Deveria estar assustada de morte. Para onde foi durante toda aquela agitação?

O Idiota virou-se e olhou para onde eu olhava.

— Uau! — disse ele. — Que cadelinha gira! É melhor prendê-la pela trela, para ser mais seguro.

— Pois, graças a *algumas* pessoas não é seguro!

O pai lançou-me um daqueles olhares «esquece-o-assunto».

Eu não tive escolha. Com o Idiota e o pai, eram dois contra um, não havia hipótese. Além disso, estava mais preocupado com a *Maxi*, ainda envolvida na sua Missão Esquilo, como se nada se tivesse passado.

— Estás bem, miúda?

A *Maxi* não olhou para mim, não olhou para qualquer um de nós.

O pai voltou a prender a trela e puxou-a para nós.

Foi quando ela viu o Idiota, abanou a cauda e lambeu-lhe a mão.

Agora, eram *três* contra um.

— Que tipo de cadela é? — perguntou o Idiota.

— Cão de Montanha dos Pirenéus — respondeu o pai.

— Ui, ui! Esses não são aqueles que crescem imenso?

O pai assentiu com a cabeça.

— Ela provavelmente há de chegar aos 45 quilos.

— Ei, miúdo, vais poder montá-la como se fosse um pônei. — Riu-se com a própria piada.

Antes de eu poder ripostar algo, o pai deu-me um toque para que voltássemos a casa.

— Até à próxima — disse ele. — Oh, e por favor anda mais devagar. Somos novos por estas bandas e a nossa cadelinha gosta de passear por estes trilhos.

— Combinado. Estarei atento à Pequena Fera.

Senti a garganta a cingir-se e soltei uma leve rosadela.

O pai voltou a dar-me um toque e sussurrou:

— Segue em frente. Sempre em frente.

Enquanto o Idiota acelerava e partia sem parar — um pouco mais devagar (talvez uns 3 quilómetros por hora) — rosnei mais alto.

— O-oooh, a fera é ele! E porque é que não te puseste do meu lado, pai?

— Esquece o assunto, Timminy. Provavelmente, nunca mais voltamos a vê-lo.

— Pai, é evidente que ele mora nas redondezas. Achas que é de um gangue de rua de Portland e seguiu-nos até aqui? Haveremos de voltar a vê-lo, provavelmente na nossa escola.

O pai engoliu em seco.

— Ná. Já tem tamanho para andar na secundária.

— Ó, pai, o pessoal da secundária já anda de moto em estradas *reais* e não em moto-quatro em trilhos. O pessoal do 8.º ano já é grande, *muito* grande.

Au! A Maxi ladrrou-nos para que voltássemos a andar. Estava sempre na hora de comer.

— Já vamos, miúda — disse o pai.

No caminho de regresso, eu e o pai voltámos ao silêncio. Mas não íamos mergulhados na paz e beleza do bosque. E já nem sequer íamos a pensar no Idiota.

Não, desta vez vezes íamos ambos de olhos postos na *Maxi*. Como é que ela não se apercebera de toda aquela agitação?

SEGREDO #5

A VERDADE NÃO PODE PERMANECER SEMPRE UM SEGREDO.

TUDO MUDA QUANDO A *MAXI* ENTRA, DE CAUDA A ABANAR, NA VIDA DO PEQUENO TIMMINY...

O Timminy sabe que chegar a uma nova cidade é tudo menos fácil, sobretudo quando se é alvo de *bullying* por se ser o miúdo mais pequeno da escola. Felizmente, para tentar compensar esta mudança, os pais deixam-no ter um cão. É assim que a alegre, doce e independente *Maxi* entra na sua vida.

E enquanto o Timminy se está a sentir em baixo por ter sido gozado por alguns colegas e fechado em cacifos, a *Maxi* e a sua vizinha Abby estão decididas a ajudar! As duas, e outros novos amigos, vão fazer de tudo para lhe mostrar que não precisamos de ser iguais a ninguém para encontrarmos e conquistarmos o nosso lugar especial no mundo.

O Timminy está prestes a aprender essa grande lição e a descobrir muitos outros segredos que a *Maxi* lhe ensina todos os dias. Segredos preciosos que farão dele uma pessoa melhor... e muito, muito maior!






«Uma história perfeita. Lynn Plourde criou personagens realistas e divertidas, pelas quais os leitores vão torcer. Ideal para todos os que adoram cães e histórias reconfortantes sobre vencer adversidades.»

SCHOOL LIBRARY JOURNAL



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt
  penguinkidspt

9+

ISBN 9789896237011



9 789896 237011 >